

UM LUGAR QUE NÃO ME PERTENCE: O OLHAR PARA A OUTRA NA CAPOEIRA, INTERSECCIONALIDADE, AGÊNCIA E RESISTÊNCIA

A PLACE THAT DOESN'T BELONG TO ME: THE LOOK AT THE OTHER IN CAPOEIRA, INTERSECTIONALITY, AGENCY AND RESISTANCE

ALVES, Marcelo Barbosa¹
ROSA, Marcelo Victor da²
SALERNO, Marina Brasileiro³

RESUMO

O trabalho em tela tem por objetivo discutir como diferentes capoeiristas interagem com a capoeira de maneira a produzir novas realidades para a sua prática, buscando o espaço negado a elas dentro deste universo. Iremos apontar na história de duas mestras, Tisza e Puma Camillê, evidências de como elas, uma mulher negra e a outra mulher trans e negra, relacionam-se com o universo da capoeira, de forma a produzir uma realidade favorável para projetar as suas existências, não somente como capoeiristas, mas também como sujeitos de agência/resistência. As informações obtidas foram retiradas de um programa chamado “Na identidade do capoeira”, da plataforma *Facebook* e em uma entrevista disponível no Portal da Capoeira. A nossa discussão será pautada na interseccionalidade, tendo o eixo construcionista como caminho para realizar as nossas análises. Como resultados, podemos apontar que a partir das histórias de lutas das mestras, há vestígios que a capoeira é uma rica tecnologia social para questionar a ordem social estabelecida, a qual, ao mesmo tempo que pode reiterar normas e condutas é um espaço para se produzir agência/resistência por parte dos/as seus/as praticantes.

Palavras-Chaves: Capoeira. Interseccionalidade. Agência/Resistência. Mestre Tisza. Puma Camillê.

ABSTRACT

The work on screen aims to discuss how different capoeiristas interact with capoeira in order to produce new realities for their practice, seeking the space denied to them within this universe. We will point out in the history of two master, Tisza and Puma Camillê, evidence of how they, a black woman, and the other trans and black woman, relate to the universe of capoeira, in order to produce a favorable reality to project their existences, not only as capoeiristas, but also as subjects of agency/resistance. The information obtained was taken from a program called “In the identity of capoeira”, from the *Facebook* platform and from an interview available on the Portal da Capoeira. Our discussion will be based on intersectionality, with the constructionist axis as the way to carry out our analyses. As a result, we can point out that from the stories of the mestras' fights, there are traces that capoeira is a rich social technology to question the established social order, which, while it can reiterate norms and conducts, is a space to produce agency/resistance by its practitioners.

Keywords: Capoeira. Intersectionality. Agency/Resistance. Master Tisza. Puma Camillê.

¹ Mestrando em Estudos Culturais (PPGCult), Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Email: mmbalves.22@gmail.com

² Doutor em Educação pela UFMS. Professor nos Programas de Pós-Graduação em Estudos Culturais (PPGCult) e Educação (PPGEdu) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Campo Grande/MS. Email: Marcelo.rosa@ufms.br

³ Doutora em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas. Professora no Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais (PPGCult) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Aquidauana/MS. Email: marina.brasiliano@ufms.br

INTRODUÇÃO

Vamos aqui falar da prática em capoeira que é frequentemente caracterizada pela luta, dança e jogo, mas que nesse trabalho será discutida a partir da movimentação de corpos subjetivos⁴. Aliás, o tratamento direcionado à prática da capoeira pode estar sendo entendida de forma reducionista e fragmentada, pois, “o que é a capoeira” por vezes é considerada na sua forma natural, de produção de uma resistência negra ao processo de escravidão, remetendo ao passado e não ao presente. Nossa proposta é pensar a capoeira do presente, é pensar “em quem pratica a capoeira”, desta forma, poderemos dar ênfase nas relações sociais que a permeia, que não necessariamente são questões da capoeira, mas sim, de um contexto mais abrangente.

A capoeira em si representa uma série de códigos, símbolos e significados construídos historicamente. Por mais que pequenas rupturas tenham sido produzidas neste universo, ela ainda é entendida como uma prática que remete à ancestralidade e tradição das pessoas afro-brasileiras e isso, por si só, tem muita potência, pois carrega história de lutas de povos que construíram modos de viver e enxerga o mundo⁵, uma arte de existir.

Quem pratica a capoeira representa outra potência, pois aspectos da sua realidade como sujeito social e cultural irão interagir com aquilo que a capoeira traz, ou seja, as experiências do capoeiristas enquanto sujeito estarão em constante interação com este universo da prática. Por diversas vezes é comum ela ser colocada como uma prática democrática, que pode ser praticada por todos/as. Segundo o dossiê produzido em 2007 sobre a salvaguarda da capoeira, ela estava inserida em 150 países (BRASIL, 2007), denotando um amplo campo de interação entre diferenças culturais.

Sendo a capoeira uma prática cultural, e sendo a cultura um movimento instável e dinâmico, Homi Bhabha (1988) já nos dava indícios da existência de diferentes culturas que se refletem em diferenças culturais. A capoeira está

em constante transformação, não da sua base constitutiva, mas das interações entre os modos e formas de se pensar e desenvolver a prática, assim, sendo construída a partir de diversos olhares.

Logo, não nos apegaremos em falar sobre a capoeira em si, mas sim, sobre as pessoas que a praticam, sujeitos de potência que em devidas proporções de suas experiências, constroem a capoeira do presente, ao mesmo tempo que são construídas por ela, numa relação de imbricação, a qual os elementos da prática estão presentes⁶ e irão interagir com este universo, as condutas dos sujeitos, seus códigos morais, suas ideologias e o governo de si, constituindo assim, os sujeitos capoeiristas.

Os capoeiristas passam por processos de subjetivação que os tornam sujeitos, logo estamos compreendendo que a capoeira é, um mecanismo que contribui para a constituição dos diferentes sujeitos, assim, tornando para nós o sujeito capoeirista.

No universo da capoeira, o jogo se movimenta de forma fluída, pois na medida em que os/as capoeiristas vão imprimindo suas ações e pensamentos na capoeira, ela própria vai se transformando e isto acaba por ressignificar as suas práticas dos/as mesmos/as capoeiristas, modificando a forma de se ver, pensar e agir, não somente no universo da capoeira, mas também, em relação ao contexto social e cultural. Pegamos, por exemplo, a passagem da capoeira dita primitiva para a formulação hegemônica da capoeira baiana, assim, as bases da capoeira tida até então foram modificadas à partir das tensões das novas demandas sociais, as quais produziram não só um novo estilo de se jogar, mas também, um padrão identitário.

A ação do/a capoeirista dentro deste universo não é neutra, visto que, ele/a exerce influência e é influenciado/a a todo o momento. Logo, o universo da capoeira é uma extensão da vida cotidiana de quem a pratica, na qual estão presentes as tensões política, culturais, educacionais e sociais. Há quem diga que cada capoeirista tem a sua forma de jogar capoeira, é como se fosse sua impressão digital, essa impressão digital é resultante da sua ação no mundo cultural ao mesmo tempo em que o mundo cultural influencia em sua constituição enquanto sujeito.

4 Na pós-modernidade as relações entre os sujeitos são cada vez mais dinâmicas, Foucault (1984), considera os processos de subjetivação como modos particulares de construir a experiência de si. Essa experiência de si consideramos como subjetividade, que marca o corpo conforme as experiências vividas pelos sujeitos particulares. Nesse sentido, o corpo em movimento é um corpo que está tensionando as relações de poder, produzindo agências/resistência, no processo de construção das experiências particulares.

5 Achille Mbembe (2001), traz a relação que o africano ou o descendente travou com o novo “mundo”, na tentativa de construir uma autoimagem, que não negava o seu passado, mas, que produz uma nova realidade a partir da forma de interagir com a realidade que estavam inseridos, produzindo assim, uma arte de existir.

6 O jogo, a luta, a dança, o canto, os toques, os movimentos, a poesia, a religiosidade, a ancestralidade, a tradição, as vestimentas, a constituição das rodas, as relações étnico-raciais isso tudo são os elementos que caracterizam o universo da capoeira. A esse respeito ver BRASIL (2007).

A Capoeira permite que o indivíduo utilize de seu corpo e que estabeleça relações com as outras práticas, que também o ressignificam, de tal modo que tensiona um e vários corpos ao mesmo tempo, porque a cada atividade ele é representado diferentemente, o que numa dinâmica radical possibilita várias leituras. Forma-se a corporeidade do indivíduo, que passa ser reformulada pelas experiências corporais vividas em conjunto com as relações da roda de Capoeira, que é causadora de tensões, criadora de problemas a serem superados, que urge hibridismos: o corpo ressignificado, re-pensado e criticizado (LUCAS DA SILVA; ALEXANDRE FERREIRA, 2012, p. 667).

Dito isto, objetivamos com este trabalho analisar como diferentes capoeiristas interagem com a capoeira, de maneira a produzir uma realidade favorável para a sua prática, buscando um espaço negado a elas dentro da capoeira.

Para tanto, trazemos um pouco da história de vida de duas capoeiristas, uma mulher Cis, negra e mestra de capoeira, conhecida como Mestre Tiza, e outra conhecida no universo da capoeira como Puma Camillê⁷, mulher trans e negra, que mistura a capoeira com o Vogue, uma dança que traz traços da identidade negra e LGBTQIAPN⁸. Para realizar o nosso estudo, utilizamos a pesquisa Netnográfica, na mídia social *Facebook* e no site Portal da Capoeira⁹, buscando a história de agência/resistências¹⁰.

Para falar um pouco sobre a vivência da Mestre Tiza na capoeira, vamos ter como base a sua participação no programa “na Identidade do Capoeira”, transmitido pelo *Facebook*, no ano de 2020, no dia 3 de novembro¹¹. Em pouco mais de duas horas de programa a mestra discursou sobre a sua história, sobre ser mulher na capoeira e sua formação como capoeirista e formação geral.

Para a Puma Camillê, utilizamos uma entrevista dada por ela, disponível no portal da capoeira. Para tanto, realizamos nossas considerações sobre o universo da capoeira e buscamos elementos para potencializar as diferenças no processo de construção das identidades das capoeiristas.

Para além, abordamos o trabalho a partir de uma análise interseccional, tendo como base

o eixo construcionista, que “destaca sobretudo os aspectos dinâmicos e relacionais da identidade social” (Adriana Piscitelli, 2008, p. 267). Entendemos que este eixo permite a possibilidade de se pensar em outras relações que não somente as de dominação, discriminação e silenciamento, assim, a partir das análises interseccionais podemos observar o papel da fuga, da resistência e agência dos sujeitos, potencializando a práxis numa possibilidade móvel de interação e correlações de forças.

A interseccionalidade pode ser vista como uma forma de investigação crítica e de práxis, precisamente, porque tem sido forjada por ideias de políticas emancipatórias de fora das instituições sociais poderosas, assim como essas ideias têm sido retomadas por tais instituições (PATRICIA HILL COLLINS, 2017, p. 7).

Assim, é nas relações da vida cotidiana, nas tensões produzidas entre os diferentes sujeitos que a interseccionalidade ganha sentido para nós, a partir do intercruzamento dos diversos marcadores sociais das diferenças, dos quais, raça e gênero¹² terão destaque neste estudo. O termo interseccionalidade surge no final da década de 1980, com Kimberlé Crenshaw, jurista americana. Desde então, o conceito e sua aplicação vêm sendo utilizado em diversas análises de pesquisas.

A OUTRA NO UNIVERSO DA CAPOEIRA - A HISTÓRIA DE DUAS CAPOEIRISTAS

O universo da capoeira, por vezes, tem invisibilizado a mulher capoeirista. Em um livro lançado em 2020, ao abordar as suas vivências e a ancestralidade no jogo da capoeira, Mestre Jogo de Dentro, o qual é um dos mais notórios mestres, relata que a mulher na capoeira sempre esteve presente, mas com um papel secundário de suporte dos capoeiristas homens.

Do meu ponto de vista, a mulher sempre esteve nesse universo da Capoeira, do lado de grandes capoeiristas. Como as baianas do acarajé por diversas vezes os policiais perseguiam os capoeiristas e as baianas os escondiam debaixo de suas saias para que não fossem presos. Nos terreiros de candomblé as mães ou zeladoras de Santo sempre cuidaram do lado espiritual dos capoeiristas (JORGE EGÍDIO DOS SANTOS, 2020, p. 33).

7 Vou chamá-la pelo nome e não usarei mestra, pois, ela mesma não se apresenta desta forma.

8 Sigla que remete a diversidade de gênero/sexualidade (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais, Queer, Interssexo, Assexuais, Pansexuais e Não-binário).

9 <https://portalcapoeira.com/capoeira/capoeira-para-todes-por-puma-camille/> - acesso em 03/11/2022.

10 Vamos entender aqui a resistência não somente como ato de resistir, de não aceitar, mas, também, através do ato de modificar a realidade para si, assim, produzindo um agenciamento do sujeito em relação a sua realidade vivida. Sobre agência ver Neiva Furlin, (2013).

11 <https://www.facebook.com/naidentidadedocapoeira/videos/991521131327845>

12 Para maiores aprofundamentos ver Kimberlé Crenshaw (2002), Patricia Hill Collins (2017) e Gabriela de Moraes Kyrillos (2020).

O próprio Mestre Jogo de Dentro admite que a mulher vem ganhando espaço dentro do universo da capoeira, e que pequenas mudanças estão sendo produzidas de modo a ressignificar as práticas e abrir espaço para esse público. Dito isto, iniciaremos trazendo uma parte da história da Mestre Tisza, praticante de capoeira angola, que iniciou a sua trajetória com a capoeira ainda muito nova, nos inícios dos anos 1980. Mestre Tisza foi aluna, dentre outros mestres, do Mestre João Grande, homem angoleiro¹³, o qual a ensinou a arte da capoeira angola e é com esta arte que Tisza vem atuando e ressignificando a sua realidade para poder ser valorizada como mestra de capoeira.

Segundo Ana Beatriz Matilde da Silva (2019) as mulheres sempre estiveram na capoeira, mas o lugar de destaque foi do homem, sobrando para mulher o papel de secretariado e organização dos grupos, mas, muitas vezes, sem um papel que lhe desse visibilidade na roda.

É no propósito de afirmar a sua identidade como mestra de capoeira, mulher negra e mãe que Tisza vai interagir durante a entrevista. Na abertura do programa, que é apresentado em formato de entrevista, o entrevistador expõe que não precisaria trazer outras capoeiristas para falar nesse espaço e já se dava por satisfeito com a entrevista da Mestre Tisza. Segundo ele, poucas mulheres aceitam o convite para participar do programa. Mestre Tisza, na abertura de sua fala, diz que não se deve desistir de levar outras mulheres ao programa, pois existem várias que tem muita história e muitas coisas para contar, e que se chamar uma vez e não aceitar, que continue a convidar, pois, mulheres exercem vários papéis e que ela mesmo se desdobra para ser capoeirista e cuidar dos seus afazeres enquanto mãe. Assim, enfatiza que pode não ser por falta de vontade que as mulheres não participam do programa, mas, por terem muitas demandas cotidianas.

Podemos notar nesse começo de entrevista, como os diferentes sujeitos se posicionam perante a vida. O entrevistador, homem e capoeirista, tenta relacionar o não aceite das mulheres capoeirista para a entrevista como um descaso ou uma má vontade de participar. Já a mestra Tisza aborda um outro lado que talvez o entrevistador não tivesse percebido. A ideia do não aceite dos convites para participar do programa, pode estar baseado em uma ideia de su-

bordinação da mulher perante o homem, “o não veio porque não quis”, ou que teve pouca vontade de participar. É válido enfatizar o aspecto produtivo desta relação, a partir da imagem do outro, que não é um outro passivo no processo de construção de subjetividades.

Olhando para a história, questionamos se até aqui não produzimos uma moralidade a qual coloca a mulher em um outro lugar, em um lugar de “cuidado do lar”, ao mesmo tempo que desconsideramos essa moralidade em nossos discursos. Esse fato tende a ser mais abismal quando falamos sobre mulheres negras, pois a essas, muitas vezes é relegado um papel ainda mais subalterno.

Entretanto, como no caso da discriminação de gênero, as noções de diferença, também aí, limitam a possível expansão das garantias de direitos humanos ligados à raça aos contextos em que a discriminação se pareça mais com a negativa formal, de jure, dos direitos civis e políticos (CRENSHAW, 2002, p. 172).

Michel Foucault (1988) quando fala sobre poder o relaciona como um ato positivo, de criação e produção de sujeitos, neste sentido, as relações de tensões entre os sujeitos são positivadas. O outro exerce o poder num constante jogo de poder e resistência. Diante dessa relação, apontamos a participação das mulheres no universo da capoeira, sujeitos ativos da construção das suas subjetividades.

Foucault (1988, 1998) em seus livros sobre a história da sexualidade, revisa os códigos e condutas morais, éticas e de governamentalidade, e demonstra como os sujeitos são colocados e se colocam em papéis sociais os quais são dados como formas fixas. Mas, nas relações entre os sujeitos, o próprio Foucault demonstra possibilidades de fugas, de resistências, de deslocamentos. Logo, o que Mestre Tisza demonstra em sua primeira fala que existe um papel do sujeito que resiste, do sujeito que foge da fixidez, que se desloca no sentido de formulação de uma outra relação, de uma outra produção da sua realidade.

A influência que Mestre Tisza teve da música, do samba e da proximidade com elementos da cultura afro-brasileira a levou para o mundo da capoeira. Em dado momento ela fala sobre o seu primeiro Mestre, o qual, segundo ela, nunca fez distinção de gênero na sua prática da capoeira e isso deu a ela uma motivação e segurança para percorrer os caminhos na arte.

Ábia Lima de França e Elis Souza dos Santos (2022) apontam que as relações de violência

13 Na prática da capoeira, angoleiro é a identidade que remete ao capoeirista jogador do estilo de capoeira angola, este em contraposição a identidade do jogador de capoeira regional. A esse respeito ver Lucas Machado Goulart (2017).

contra as mulheres no universo da capoeira nem sempre estão de forma explícita, muitas das vezes os diferentes tipos de violências contra a mulher estão mascaradas em formas de “brincadeiras”, de piadas, de movimentos no jogo, denotando assim, uma naturalização da violência contra a mulher na capoeira.

A história de Mestre Tiza é uma história de busca, em seus relatos, podemos observar que ela sempre foi atrás da capoeira, dos Mestres mais experientes, renomados. Colocar-se nesse local é construir uma realidade que às vezes não é possível para muitas outras mulheres capoeiristas.

Eliane Glória dos Reis da Silva (2018) discute sobre situações de vida das mulheres no mundo da capoeira, que em seus discursos visam narrar suas histórias de invisibilidade. Objetivando buscar indícios de como as Mestras percebem as relações de poder existentes na interação entre mulheres e homens no universo da capoeira, enfatiza que a capoeira ainda é um lugar de dominação de homens.

A história de Mestre Tiza é uma relação ocasionada pelo contato com o capoeirista homem, não estando presente em seus relatos a influência de uma mestra mulher para a sua formação capoeirística inicial. Não estamos querendo dizer que está relação (homem-mulher) é ruim, justamente é esta relação que vai denotar a importância da imagem do outro para a construção da autoimagem, ou seja, para a construção do “eu”.

Um dos momentos mais marcantes na entrevista da Mestre Tiza é quando ela relata sobre a cantoria na roda de capoeira. Em sua vida, a musicalidade e o canto sempre estiveram muito presentes, ela traz como referências de músicas as que a sua mãe escutava e a fazia cantar para aprender a ler, por vezes, letra de samba. A sua referência para tonalidade de voz é Elza Soares, Baby Consuelo e entre outros cantores e cantoras. Interessante, que nesse momento ela fala sobre a sua influência musical e relaciona com várias mulheres cantoras, diferente da sua influência capoeirística que não aparecem mulheres como referências.

A experiência que denota valor, no universo da capoeira, é do homem, assim, as mulheres por vezes têm que jogar, cantar e tocar instrumentos performatizando os homens. É a experiência masculina que vai ter lugar de destaque dentro desta prática. Vale aqui citar um dado interessante que França e Santos (2022) trazem que apenas 14% dos/as mestres/as de capoeira

são mulheres e que atualmente existe mais de 260 mestras de capoeira espalhadas pelo mundo.

Para este universo pequeno de mulheres que gostam de cantar nas rodas de capoeira, Mestre Tiza fala da necessidade de manter o tom de voz que mais as agradam, não forçando-a para reproduzir o padrão grave entonado pela voz dos homens, ou então agudo somente para denotar a feminilidade, ela aconselha cantar para se sentir bem e bem conduzir uma roda.

Por fim, nos chamou atenção a pergunta feita por um expectador para a entrevistada, sobre o que ela achava das mulheres da “pá virada”. A mestra num primeiro momento tentou entender a pergunta e logo a resignificou para dar a sua resposta, dizendo que entende como mulher da “pá virada” as mulheres inteligentes, que tem uma chama que carrega, que sabe que não pode apagar, em outras palavras, essa mulher é uma mulher que busca se inserir nos espaços, os quais, geralmente ela não é tida como protagonista. Entendemos nessa fala que um desses espaços seria a capoeira, sendo a própria Mestre Tiza uma mulher da “pá virada”, pois está dentro deste espaço buscando a sua inserção.

Como mulher negra, Mestre Tiza busca projetar as suas experiências de vida, suas histórias de luta para construir a sua autoimagem a partir de elementos da cultura negra, principalmente dados pelo samba e pela capoeira e, na constante relação com o outro capoeirista, geralmente homem. Logo, notamos que não é somente na relação de opressão que emerge a figura da mestra de capoeira, mas sim, na projeção de uma realidade favorável à sua existência, móvel, dinâmica e produtiva.

Não podemos deixar de notar, a quantidade de mulheres que comentavam na *live* que estava sendo transmitida, muitas elogiando a mestra, outras falando que tem orgulho de conhecer e de ser aluna. Isso nos faz lembrar de bell hooks (2019) quando nos fala dos sistemas de representações. Nesse sentido, podemos falar que existe uma representação da mulher construída pela mulher, na entrevista da Mestre Tiza. Mas, também que essa representação é resignificada com o outro capoeirista, que na história da Mestre Tiza é o homem, ele “detentor” do conhecimento ancestral da capoeira¹⁴.

Neste sentido, Mestre Tiza aprende com o outro os modos de ser uma capoeirista e a res-

¹⁴ Carlos Vinicius Frota de Albuquerque (2012), vai apontar que a capoeira é uma prática que ainda os homens heterossexuais são tidos como os detentores dos saberes.

significa trazendo outras experiências, outras possibilidades, assim construindo a sua própria identidade a partir da relação com o diferente, numa relação de poder. E é nessa relação que a agência/resistência acontece.

Outra mulher capoeirista é Puma Camillê, com seu estilo próprio de interagir com o universo da capoeira vem buscando espaço para se projetar enquanto sujeito que resiste às construções, por vezes, estereotipadas da capoeiragem. Artista, coreógrafa, palestrante e capoeirista, procura nestas atividades, possibilidades de agenciar a sua própria realidade, trazendo questionamento de uma ordem que ainda é heteronormativa. Desta maneira, busca projetar a sua arte de existir em uma realidade diversa, mas ainda tão normativa.

Aos 27 anos, se define como cidadã de lugar nenhum, a procura de um lugar no mundo. Nascida no interior de São Paulo conheceu a capoeira aos sete anos de idade. É a pioneira na capoeira ao inserir o universo LGBTQIAPN+ na prática, como ela mesma diz, não consegue se descrever em nenhuma identidade de gênero, mas que, se aproxima da identidade Trans. Negra, capoeirista, idealizou um movimento de capoeira chamado Capoeira para “Todes”. Desde muito pequena, Puma Camillê joga capoeira, e com ela tem uma relação íntima, considerando-a para muito além dos movimentos estéticos e padronizados.

Em uma entrevista concedida ao portal da capoeira, ela diz:

Quando falo de ética e respeito, na capoeira isso não tem a ver só comigo exclusivamente. A capoeira é a oportunidade de experienciar você mesmo a partir do outro, de trazer o movimento como cura. Jogar capoeira é você entender o outro em você. Enxergar o outro como espelho. De enxergar a minha ética, de como eu enxergo o mundo a partir do outro. Me enxergar em comunidade. Ler o outro a partir de mim. *Pra* além da movimentação que corre em meu corpo, eu faço os outros corpos se movimentarem a partir do que existe em mim (PUMA CAMILLÊ, 2021).

O Projeto Capoeira para Todes, como a própria Puma Camillê falou em entrevista dada ao *Altas Horas*¹⁵, na rede Globo, é uma iniciativa que visa resgatar o papel questionador que a capoeira possui, desvinculando os padrões estéticos do mundo da capoeira, abrindo espaço para a participação das pessoas marginalizadas, das minorias sociais. Isso pode significar o resgate da capoeira como processo de resistência,

o qual, pelos movimentos corporais, pela resignificação dos padrões se produza a liberdade de expressar e representar as diferentes subjetividades.

Em um universo, que como apontado neste trabalho, é ocupado por homens, Puma Camillê, na sua expressão corporal e seu posicionamento político, vem tentando ressignificar a capoeira. A sua identidade de gênero não deixou que ela ficasse de fora desse universo, pelo contrário, ela trouxe um movimento inovador, elementos da cultura LGBTQIAPN+ para dentro da capoeira.

Puma Camillê traz a ideia de que a capoeira, como no passado, é um símbolo de resistência, mas em uma outra perspectiva. Se a capoeira representava a resistência contra as desumanas condições de vidas dadas às pessoas que foram escravizadas, no presente representa uma possibilidade de desvincular a sua prática de padrões que não representam por vezes os sujeitos que dela participam, ou seja, a capoeira para Puma Camillê é uma tecnologia social que pode questionar a constituição dos diferentes sujeitos.

O sujeito é constituído por um processo de reiteração de normas, mas, que nesse processo as normas não são assimiladas sempre da mesma forma, havendo aí mudanças que podem ser caracterizadas por pequenas rupturas e discontinuidades, constituindo o sujeito performático. Isso é dado pela dinâmica do poder, o sujeito nessa perspectiva está sempre em construção no interior das relações de poder.

Ao interagir, nos tornamos sujeitos nas relações de poder travadas no processo de sujeição e subjetivação do indivíduo, as pessoas tornam-se sujeitos após terem passado por esse processo. O sujeito encontra possibilidade de subjetivação a partir dos processos de resistências construídos para se impor contra as normas sociais que os limitam (FULIN, 2013).

A constituição do sujeito se dá mediante a uma submissão primária ao poder, que atravessa os valores e as normas internalizadas desde a infância, por meio dos processos de socialização. Podemos entender, assim, que a dinâmica das relações de poder tensiona a interação entre os sujeitos potencializando novas possibilidades, daí o papel produtor do poder, logo “poder é simultaneamente externo ao sujeito e é a própria força que rege o sujeito” (FULIN, 2013, p. 397).

A agência é gerada a partir das condições dadas pelas relações de poder e o sujeito é o lugar de agência e ao invés de fonte de agência,

15 <https://www.youtube.com/watch?v=RpYcGRoV7Hk> – Acesso em 27/11/2022

denotando assim, que não existe um poder soberano e que existem possibilidades de resignificação, rupturas e descontinuidades por parte do sujeito. A agência sempre ocorre no contexto das relações sociais, aos poderes que limitam a condição do sujeito.

Assim, a agência é a própria força de resistir ao subverter a ordem social, política, cultural, de gênero ou religiosa que impõe limites a ação do sujeito. Nesse contexto, resignificar a realidade produz outros locais de interação entre os sujeitos, produzindo identidades, subjetividades e ao mesmo tempo que enfatiza as diferenças¹⁶.

Ao projetar a sua identidade no universo da capoeira, Puma Camillê entoa para o mundo a sua existência, suas experiências e a sua identidade de gênero. Sua subjetividade é produzida a partir da relação entre a dança, o universo LGBTQIAPN+ e a prática na capoeira, a qual produziu uma forma de viver a arte em relação com a sua própria vida. Eis que agência e resistência estão num processo de interação na produção da sua identidade como capoeirista e sujeito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A capoeira é uma prática que denota a luta histórica contra um sistema de desvalorização do/a outro/a que foi escravizado/a. Carrega consigo seus símbolos, códigos, significados e representações. A sua base constitutiva está consolidada, porém não acabada, havendo lugar para resignificações e produção de novos espaços.

A potência da capoeira no tempo presente poderá ser representada pelos/as seus/as praticantes, que são sujeitos que constroem as suas realidades numa fluída relação entre sujeitos. Influenciada pela dinâmica do poder, a relação entre o eu e o outro, o processo de construção da identidade e sua interação com as diferenças são aspectos produtores, os quais acarretam produções de subjetividades e identidades cada vez mais deslocadas, por meios de processos de agência e resistência.

Nesta perspectiva a capoeira representa o jogo de tensões dos sujeitos sociais, os quais estão sempre em busca da produção e resignificação das suas realidades e de seus anseios, na medida que encontram possibilidades de estar

em um questionamento constante dos códigos morais e de condutas presentes na vida. Se no passado a capoeira representava a luta contra um sistema perverso, o sistema escravista, hoje ela pode representar a luta pela necessidade de visibilidade dos diversos sujeitos: as mulheres, os/as/es LGBTQIAPN+, as pessoas com deficiências, as pessoas obesas, pessoas negras, idosos/as, ou seja, a capoeira ainda traz consigo possibilidades de um papel questionador muito potente. Logo, no espaço da capoeira há diferentes marcadores sociais que podem ser explorados e pensados a partir de processos de agência/resistência.

Mestra Tiza e Puma Camillê no contexto da capoeira são sujeitos da agência, são produtoras de resistências e estão tencionando as relações de poder. Pensar nas infinitas possibilidades que esses sujeitos trazem para o universo da capoeira, nos faz olhar para as relações dinâmicas que o mundo da capoeira pode oferecer aos diferentes sujeitos.

Desta forma, procuramos analisar, a partir de um olhar interseccional, o como duas mulheres se relacionam no universo da capoeira, buscando produzir uma realidade favorável para si, a qual possam se projetar enquanto sujeitos de agências e resistência, a partir da relação com o outro diferente.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Carlos Vinicius Frota de. “Tá na água de beber”: culto aos ancestrais na capoeira. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1988.

BRASIL. **Inventário para Registro e Salvaguarda da Capoeira como Patrimônio Cultural Brasileiro**. Brasília: IPHAN, 2007.

CARDOSO, Thomas Victor Barreto; LIMA, Maria Izabella Souza de. Interseccionalizando o direito à educação: quais corpos podem habitar o conhecimento. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**. Cuiabá, v. 03, n. 13, jan. - abr., p. 231 - 248, 2021. Disponível em <https://periodicoscientificos.ufmt.br/.../ind.../rebeh/index>. Acesso em 15 mai. 2023.

¹⁶ Entendemos a diferença como processo que produz a identidade, ou seja, passamos a existir como outro a partir da relação entre a diferença e identidade, logo, tanto a diferença e identidade são importantes para a constituição do sujeito. A esse respeito ver Tomas Tadeu da Silva (2000).

- COLLINS, Patricia Hill. Se perdeu na tradução? Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória. **Parágrafo**, São Paulo, v. 5, n. 1, 2017. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5509704/mod_resource/content/0/559-1734-1-PB.pdf. Acesso em 28 nov. 2022.
- CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, jan., 2002. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ref/a/mbTpP4SFXPnJZ397j8fSBQQ/abstract/?lang=pt>. Acesso em 05 nov. 2022.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. 19ª edição. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade II: O uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.
- FRANÇA, Ábia Lima de; SANTOS, Elis Souza dos. Mulher, Mãe e Capoeira: interseccionalidades em jogo na Bahia. **Revista de Humanidades e Letras**, v. 1, nº. 1, 2022.
- FURLIN, Neiva. Sujeito e agência no pensamento de Judith Butler: contribuições para a teoria social. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 16, n. 2, p. 395-403, 2014. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fcs/article/view/32198>. Acesso em 05 out. 2022.
- GOULART, Lucas Machado. Eu sou angoleiro: Considerações sobre a Capoeira Angola e os Estudos de Performance. **Rascunhos**, Uberlândia, v. 4, n. 3, p. 139-149, jul-dez. 2017. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/rascunhos/article/view/35654>. Acesso em 15 nov. 2022.
- HOOKS, Bell. **Olhares negros: raça e representação**. São Paulo: Elefante, 2019.
- MBEMBE, Achille. *As formas africanas de auto-inscrição*. **Estudos Afro-Asiáticos**, Ano 23, n. 1, 2001, p. 171-209. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/ddR69Y7Ptm6KDvv4t-mHSvbF/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 20 mai. 2022.
- PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 11, n. 2, p. 263-274, jul., 2008.
- Portal da Capoeira. <https://portalcapoeira.com/capoeira/capoeira-para-todes-por-pumacamille/>. Acesso em 03 nov 2022.
- Programa Identidade na Capoeira. Disponível em: <https://www.facebook.com/naidentidadedocapoeira/videos/991521131327845>. Acesso em: 30 out. 2022.
- SANTOS, Jorge Egídio dos. **Capoeira angola e ancestralidade**. Rio das Pedras, SP, 2020.
- SILVA, Ana Beatriz Matilde da. **Mulheres na Capoeira: resistência dentro e fora da roda**. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/11480>. Acesso em: 27 mar. 2022.
- SILVA, Eliane Glória dos Reis da. **As mestras de capoeira: empoderamento e visibilidade**. Tese (Doutorado em Ciência do Exercício e do Esporte) - Programa de Pós-Graduação em Ciências do Exercício e do Esporte da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.
- SILVA, Lucas Cantador Dourado da; FERREIRA, Alexandre Donizete. Capoeira Dialógica: O corpo e o jogo de significados. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Florianópolis, v. 34, n. 3, p. 665-681, jul./set. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbce/a/gzWBbgDZbG8XsG9VVMjcT-VM/abstract/?lang=pt>. Acesso em 13/03/2023.
- SILVA, Tomaz Tadeu da (org). **Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis. Vozes, 2000.